

OLHEI E SOLUCEI, DANE-SE!

Dos maquinários surgidos nas fábricas de 1790 sobraram as nossas câimbras. A chaminé que se vê ainda hoje ao atravessarmos o túnel Santa Bárbara em direção ao Catumbi, no Rio de Janeiro, está absolutamente solitária, sem ser esquecida apenas pelo fato de passarmos por ela todos os dias. Cariocas não gostam de chaminés. Não são Matarazzos. Não somos Del Castilho mas o Outlet que vende barato é coisa nossa.

As máquinas não foram, no mundo, as primeiras a apanhar. Nem os ludistas os primeiros a bater. Mauá não foi o primeiro empresário do Império. Nem o Imperador o primeiro a odiar os ingleses. No entanto, sob o solo de Vassouras, nas imediações de Rezende, em Del ou no Catumbi, as alminhas do passado dos primeiros maquinários que não fizeram a nação industrial brasileira, clamam aos céus por vingança, não contra as bichas como gritam os deputados da bancada evangélica de Brasília, mas pelo esquecimento de que alguma coisa elas plantaram por aqui. Por aqui. Por aqui. Por aqui!

A copa do mundo é nossa, o Santuário de Adoração Perpétua da Rua de Santana também. A rua que desta sai, em direção ao Liceu de Artes e Ofícios e onde homens masturbam uns aos outros no carnaval e aos sábados depois das 23 horas, também. Entretanto, a chaminé estéril, visível depois do túnel mais poluído do mundo, não passa de uma fantasmagórica visão da industriosa estupidez dos pioneiros do Brasil fabril.

Será que nunca faremos senão confirmar, que o que nos resta é dançar apenas a "dança da bucinha da garrafa"?

Pelo amor de Deus! Fodam-se as baleias, morra Brigitte Bardot e suas malditas focas e em nome de Nossa Senhora Desatadora dos Nós,

Salvem as máquinas do passado.

E acalmem o mercado que tá foda demais!

André Sena